

Capítulo 10: Potencial Ornitológico do Baixo Rio Purus

Mario Cohn-Haft



Foto: Paulo Santos/Interfoto

Milvago chimachima

A bacia amazônica não só contém a maior diversidade de aves conhecida do mundo, como o número de espécies que aqui ocorrem continua a crescer surpreendentemente com os estudos recentes. Mesmo os locais da Amazônia mais bem estudados são mal conhecidos quando comparados com o resto do mundo. O sudoeste da Amazônia brasileira, incluindo a bacia do rio Purus, figura entre as regiões amazônicas menos estudadas de todas (Oren & Albuquerque, 1991). O rio Purus foi objeto de um estudo ornitológico nos meados do século XX (Gyldenstolpe, 1951), com base em material taxidermizado e depositado em museus estrangeiros. Notável por sua boa qualidade, este estudo, mesmo assim, apresenta uma superficialidade reconhecível quando comparado com o padrão atingível hoje em dia. Desde então, a única outra lista de espécies que se assemelha ao que se espera encontrar na área da futura Reserva é a de Peres & Whittaker (1991) do rio Urucu.

Além da possibilidade real da área de estudo abrigar espécies novas, ainda não descobertas, um estudo detalhado feito em um local tão remoto e mal conhecido como esse oferece uma oportu-

nidade de refinar nossa descrição dos padrões de distribuição de aves amazônicas, ainda bastante grosseira. Em geral, para aves de floresta de terra firme, está ficando cada vez mais evidente que cada grande interflúvio, como por exemplo o Negro-Solimões (Borges *et al.* 2001), tem uma avifauna própria, com notável diferenciação em lados opostos desses grandes rios. Existem alguns poucos casos descritos de espécies de aves que se diferenciam ou se substituem em lados opostos do Purus; entretanto, ainda seria prematuro afirmar se este baixo número se deve à pequena importância relativa do rio Purus como barreira biogeográfica ou à falta de estudos.

Para as aves de várzea, a situação está ainda mais vaga. Em geral a avifauna da alta Amazônia difere da região do rio Amazonas (abaixo de Manaus), e florestas alagadas por água preta (igapós) diferem em suas aves das matas banhadas por água barrenta. Existem várias espécies típicas do alto Solimões cuja presença esperada nas áreas extensas de várzea no baixo Purus representará o registro mais oriental conhecido. A avifauna de igapó nesta parte da Amazônia ainda é considerada quase desconhecida. Resumindo, há um potencial enorme para estudos científicos de importante impacto e, também, para a formação de futuros ornitólogos.

A presença de grandes extensões dos principais tipos de mata amazônica (terra firme, várzea, e igapó), além da possibilidade de conter campinas e tabocais (bambuzais) que também hospedam avifaunas especializadas e endêmicas, faz com que a diversidade total de aves presente na área deva passar de 500 espécies. Isto, junto com o bom estado de

preservação da área, garante um imenso atrativo para o turismo ecológico, inclusive aquele voltado à observação de aves. A indústria do turismo ornitológico, já enorme e ainda crescendo mundialmente, continua quase inexplorada na Amazônia brasileira, apesar do lugar ter uma vocação natural para o desenvolvimento da atividade. Com base em estudos aprofundados da avifauna, divulgação em forma popular, e capacitação da população local, o turismo ornitológico oferecerá uma alternativa, viável e ainda ambientalmente inofensiva, às fontes de renda tradicionais na região.

Bibliografia Citada

- Borges, S.H.; Cohn-Haft, M.; Carvalhaes, A.M.P.; Henriques L.M.; Pacheco, J.F.; Whittaker, A. 2001. Birds of the Jaú National Park, Brazilian Amazon: Species checklist, biogeography and conservation. *Ornitologia Neotropical*, 12: 109-140.
- Gyldenstolpe, N. 1951. The ornithology of the Rio Purús region in western Brazil. *Arkiv för zoologi, Ser. 2*, 2: 1-320.
- Oren, D.C.; Albuquerque, H.G. 1991. Priority areas for new avian collections in Brazilian Amazonia. *Goeldiana Zool.*, 6.
- Peres, C.A.; Whittaker, A. 1991. Annotated checklist of the bird species of the upper Rio Urucu, Amazonas, Brazil. *Bull. Brit. Ornithol. Club* 111: 156-171.